Agroecologia e cuidado: reflexões a partir da experiência do curso educação popular e plantas medicinais na atenção básica à saúde

Agroecology and Care: Reflections based on the experience of the Course on Popular Education and Medicinal Plants in Primary Health Care

NESPOLI, Grasiele[1]; BORGES, Camila Furlanetti[2]
[1] Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fundação Oswaldo Cruz, grasiele.nespoli@fiocruz.br; [2] Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fundação Oswaldo Cruz, camila.borges@fiocruz.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: O curso Educação popular e plantas medicinais na atenção básica à saúde, coordenado pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio em parceria com Instituto de Tecnologia em Fármacos (Fiocruz) e Secretaria de Estado da Saúde (SES/RJ), possui 176 horas e formou 5 turmas desde 2020. Trabalhadores da atenção básica e lideranças comunitárias são formados para reconhecer, valorizar e integrar saberes populares e tradicionais de cultivo, preparo e uso de plantas no cuidado em saúde. Na perspectiva da pedagogia freiriana e da decolonialidade, o curso problematiza a realidade e estimula a investigação e sistematização coletivas. Os educandos apresentam planos de ação para o território e realizam uma mostra aberta à comunidade com distribuição de remédios caseiros preparados por eles. Com as plantas, debatemos a relação entre saúde e agroecologia, e enfocamos a determinação social da saúde sob diferentes aspectos, como cuidado com a terra e a água, a reforma agrária e a soberania alimentar.
Palavras-Chave: decolonialidade; fitoterapia; território.

Contexto

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a experiência do curso Educação popular e plantas medicinais na atenção básica à saúde, no intuito de compartilhar caminhos para a ressignificação do cuidado a partir da valorização de práticas populares e tradicionais de cultivo, preparo e uso de plantas medicinais.

A tradição do uso de plantas medicinais no cuidado fortalece a relação entre a saúde e a agroecologia, por possibilitar repensar o cuidado a partir da construção de outros modos de relação entre o ser humano e a natureza. Na saúde, as plantas medicinais são objetos de duas políticas: a de Práticas Integrativas e Complementares; e a que leva o próprio nome à frente, a de Plantas Medicinais e Fitoterápicos.

A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) segue as recomendações feitas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), desde o final dos

anos de 1970, no que diz respeito à incorporação do uso de plantas medicinais nos sistemas de saúde. Assim, estabelece diretrizes capazes de fortalecer seu objetivo principal: “garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional” (BRASIL, 2006, p.20).

No contexto de desenvolvimento da cadeia produtiva de plantas medicinais e fitoterápicos, a PNPMF valoriza a agricultura familiar por apresentar “como vantagens a disponibilidade de terra e trabalho, a detenção de conhecimentos tradicionais, a experiência acumulada na relação com a biodiversidade e as práticas agroecológicas voltadas aos atendimentos dos mercados locais e regionais...” (BRASIL, 2006, p. 15). Nesse sentido, tem potencial de se contrapor aos interesses mercantis que silenciam culturas populares e tradicionais, em vista a atender o crescimento da oferta de medicamentos sintéticos pela indústria farmacêutica.

Diante do desafio de favorecer a implementação da PNPMF e estratégias de ressignificação do cuidado, foi construída a proposta do curso que de 2020 a 2022 formou cinco turmas e um total de 105 educandos, principalmente Agentes Comunitárias de Saúde que atuam em diferentes municípios do Estado do Rio de Janeiro. Durante a pandemia de Covid-19, o curso ofertou quatro turmas de forma remota. Em 2022 aconteceu a primeira turma presencial, e este ano está em curso a segunda nessa modalidade.

A experiência revela que a educação popular é uma importante via de valorização, resgate e sistematização das práticas populares e tradicionais de cultivo, preparo e uso de plantas, tendo em vista a construção compartilhada do conhecimento e a produção de outros modos de cuidado capazes de romper a hegemonia do modelo biomédico desvinculado do agir político e da existência humana.

Descrição da Experiência

O curso Educação Popular e Plantas Medicinais na Atenção Básica à Saúde é coordenado pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) em parceria com Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos), unidades técnico-científicas da Fundação Oswaldo Cruz, e com a Secretaria de Estado da Saúde do Rio de Janeiro. Possui 176 horas de duração, divididas em dezessete encontros presenciais, para trocas e partilhas de saberes e experiências, e cinco momentos de inserção nos territórios para trabalhos de campo.

O objetivo do curso é formar trabalhadores da atenção básica à saúde e lideranças comunitárias para o desenvolvimento de ações de reconhecimento, valorização e integração de saberes e práticas populares e tradicionais de cultivo, preparo e uso de plantas no cuidado em saúde.

Para apoio e orientação da proposta curricular foi elaborado um livro que ordena a trajetória formativa em duas partes e oito eixos temáticos: Parte 1 - *Educação popular, atenção básica e plantas medicinais: o valor da cultura e da ciência*: Eixo 1) O coletivo, a educação popular e as experiências de vida e trabalho; Eixo 2) Os saberes e as práticas de cuidado; Eixo 3) As plantas medicinais e a fitoterapia na Atenção Básica; Eixo 4) A importância dos saberes populares para o conhecimento científico das plantas medicinais; Eixo 5) Os saberes populares e os modos de uso e preparo das plantas medicinais. Parte 2 - *Cultivar plantas e semear o cuidado: a horta como projeto popular:* Eixo 6) O território e a dimensão comunitária da horta; Eixo 7) O cuidado com as plantas no preparo e uso medicinal; Eixo 8) A sistematização dos saberes sobre as plantas medicinais e da experiência formativa. (NESPOLI *et al*, 2020).

Além do livro, foi desenvolvido o jogo Semeando o cuidado, um jogo colaborativo pelo qual os jogadores investigam e sistematizam saberes sobre as plantas em um território. O tabuleiro é um território que tem uma unidade de saúde em seu centro e os jogadores são agentes de saúde que possuem habilidades de “mestres” (das plantas, do compartilhamento, do diálogo, da curiosidade) que se complementam e permitem criar estratégias coletivas para alcance dos objetivos. Movimentam-se no território em busca de saberes (demandas de saúde, indicações de cuidado com plantas medicinais, receitas de preparo de remédios caseiros) e de plantas que podem ser cultivadas em hortas ou coletadas em atalhos que são espaços repletos de natureza. De forma cooperativa, os jogadores precisam formar quatro conjuntos de saberes e enfrentar obstáculos e eventos que acontecem ao longo das rodadas (DIAS *et al*, 2021).

Outros recursos pedagógicos, especialmente audiovisuais, também são integrados ao processo formativo, como a série Curta Agroecologia, produzida pelo Canal Saúde da Fundação Oswaldo Cruz em parceria com a Articulação Nacional de Agroecologia, e a série de sete vídeos do projeto Flecha Selvagem.

O curso e seus recursos educativos fundamentam-se em princípios da pedagogia freiriana que considera a educação como mediações e dialogicidade que constroem saberes pelo exercício livre das consciências e com o compromisso de ativar a luta política pela transformação do mundo (FREIRE, 1987). Nesse horizonte, os encontros do curso são momentos de diálogo sobre questões temáticas a partir das experiências de vida e trabalho dos educadores e educandos, de leituras de textos e aprofundamento das reflexões por meio da problematização da realidade, de vivências de práticas de cuidado, dentre elas de cultivo pelos princípios da agroecologia e de preparo de remédios caseiros com as plantas medicinais.

Ao longo do curso são feitas reflexões sobre: relação entre cultura, ciência e cuidado; racionalidades médicas; práticas de cuidado com plantas; fitoterapia como prática integrativa e complementar, desafios para o cuidado integral e o direito à saúde; saberes populares e tradicionais de preparo de remédio caseiros; ciência das plantas; agroecologia, cultivo, cuidado e saúde.

O curso estimula a investigação do uso de plantas nos territórios onde os educandos estão inseridos e a sistematização dos saberes de forma coletiva na construção de um herbário que passa pela produção de exsicatas e informações sobre as plantas (nomes populares, nome botânico, indicações terapêuticas, modos de cultivo e preparo de remédios). São também experimentados os modos de preparo de remédios caseiros como chás, tinturas, xaropes, pomadas e sais. Ao final do curso, os educandos apresentam seus planos de ação que serão desenvolvidos nos territórios e é realizada uma mostra aberta à comunidade para exposição das exsicatas e distribuição de mudas, receitas e preparos com plantas medicinais.

A respeito da agroecologia, no sexto eixo do curso, é promovido um debate sobre sua importância no enfrentamento do modelo de exploração capitalista da agricultura, que tem base no agronegócio, no latifúndio, na monocultura, na produção de transgênicos, no uso de agrotóxicos, dentre outras tecnologias que são prejudiciais à saúde humana e da natureza. (DIAS *et al*, 2021). Esse debate abrange o cultivo em pequenos espaços e hortas comunitárias, tendo como referência a leitura da realidade e as possibilidades de participação popular, produção do vínculo e convivência nos diferentes territórios. Além disso, favorece a compreensão da determinação sócio-histórica do processo saúde-doença e a faz uma mediação com os demais conteúdos abordados no decorrer do curso, sendo um pilar para a sistematização da experiência de aprendizagem.

Resultados

Observamos que os bons frutos da experiência se dão em razão da valorização dos saberes populares e tradicionais, das vivências de partilhas e trocas (de receitas, plantas, preparos) e da construção compartilhada do conhecimento. Os educandos levam adiante o cuidado com as plantas, passam a cultivar, preparar seus próprios remédios e a realizar atividades com a população.

Muitos educandos apresentaram, em seus planos de ação, propostas de cultivo das plantas em praças, quintais, calçadas, canteiros ou vasos, nos postos de saúde ou sobre as lajes das casas que se avizinham nas favelas. Desta forma, a experiência desperta o valor, o gosto e o prazer pelo cultivo das plantas e, ainda que não seja em sistemas agroecológicos, o ato de cultivar, na sua relação com a cultura e o cuidado, torna-se resistência nesse mundo dividido pela opressão e exploração dos recursos naturais.

As plantas medicinais resgatam o elo perdido com os saberes silenciados pela lógica capitalista, que se expressa no campo da saúde pelo predomínio da biomedicina que reduz o cuidado à sua dimensão técnica e normativa, reproduzindo um modelo de atenção centrado na intervenção sobre a doença e o corpo, geralmente, por meio de terapêuticas propagandeadas pela indústria farmacêutica.

O curso amplia a compreensão da importância das plantas para o cuidado, vivenciado nos momentos de acolhimento, trocas e diálogos que favorecem a construção de outros modos de convivência social, existencial e ecológica, mediante a valorização da diversidade cultural, da biodiversidade e de práticas anti-utilitaristas e anti-mercadológicas, opostas àquelas que fundamentam o capitalismo colonial.

Nesse contexto, a educação popular opera pela decolonialidade do poder, do saber e do ser (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2017), destacando a potência da cultura, da construção compartilhada do conhecimento e da luta pela emancipação humana. Com isso, revela como é possível recuperar o valor da tradição e das culturas populares, ressignificando o cuidado como prática comprometida com um mundo livre da opressão e da desigualdade, refundado pela agroecologia.

Por fim, concluímos que na experiência do curso, as plantas figuram, para além do caráter medicinal, um tema gerador e um dispositivo pedagógico que permite o enfoque da determinação social do processo saúde e doença sobre diferentes aspectos, como o cuidado com a terra, a água e o alimento, a reforma agrária, a agroecologia e a soberania alimentar. Dessa forma, estabelece a relação entre a realidade imediata e a totalidade social de organização da vida.

O curso é uma semeadura; planta, antes de tudo, uma ideia, a de que o futuro é ancestral (Krenak, 2022).

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos** (PNPMF). Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. (Série B. Textos Básicos de Saúde). 60 p.

DIAS, Alexandre *et al*. **Dicionário de Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: EPSJV, 2021, 816 p.

DIAS, Cynthia Macedo *et al*. **Semeando o cuidado**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2021. Jogo analógico. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/semeandoocuidado. Acesso em: 06 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107 p.

KRENAK, Ailton. **O futuro é ancestral**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022. 128 p.

MIGNOLO, Walter D. COLONIALIDADE: O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - Vol. 32 N° 94, 1997.

NESPOLI, Grasiele *et al*. **Educação popular e plantas medicinais na atenção básica à saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020. 192 p.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.